

Tapeba



Mulheres e crianças tapeba, a retomada da vida comunitária



Alberto, líder tapeba, trabalha na construção comunitária

A busca da identidade perdida

Texto: OSWALD BARROSO
Fotos: MANUEL CUNHA

O velho Perna de Pau trocou a terra dos Tapeba por tragos de aguardente e nacos de fumo. Uma troca sem papéis e desigual, porque ele entendia o valor da terra de outro modo e achava inconcebível como alguém a pudesse possuir. Desse modo, pensava sempre haver feito um grande negócio. O velho tinha duas mulheres que eram irmãs entre si. De manhãzinha saía com suas famílias. Homens, mulheres e meninos, umas 30 pessoas, andando enfileiradas em um só rastro. Quem os seguisse pela mata, pensaria se tratar de um só guerreiro. Pescavam peixe, pegavam caranguejo, siri, aratu, mano ói, sururu, ostra, pistoleta, intã, guaiamun, pacamun e camurim. Caçavam socó rato, siricoia, sanapia, garça, socó-boi, rolinha, guaxinim, maçarico, raposa, gato-do-mato, cassaco, furão, carão, anum, tejo, tijubina, sonhim e caboré. Voltavam de noite para a aldeia, junto da Lagoa que tem o nome da tribo.

Nos dias de festa, Perna de Pau gostava de dedilhar uma velha harmônica. Fazia muito barulho, acompanhado por pandeiro, tocando xote e mazuca. Saía fazendo brincadeira pelos caminhos e os meninos corriam com medo de sua perna. Sem motivo, porque ele era apenas um homem manso que gostava de se divertir. A perna de pau, ganhou depois de ter perdido a sua, quando uma ronqueira que manejava disparou acidentalmente. Desde este dia, sua robustez se foi desfazendo e quando ele morreu no começo da década de 50, era um homem alto e magro.

Foi o derradeiro cacique dos Tapebas, ou pelo menos o último a ser assim respeitado por todos os outros. Viviam ao

redor da lagoa, em grandes cabanas de palha, onde habitavam cada um dos numerosos núcleos familiares. Nunca se sujeitaram a trabalhar para os brancos, gostavam dos prazeres do amor, do fumo e da bebida. Usavam como colher, folhas escolhidas do cajueiro entre as maiores e mais consistentes. Suas panelas eram alguidares de barro, na fabricação das quais mestre Doca foi o maior artista.

DERRADEIROS GOLPES

Ainda com Francisco Alves dos Reis, ou José Isabel, ou ainda Perna de Pau, vivo, os tapebas se transferiram para Ipaumirim, um lugarejo de Capangá, distrito de Caucaia, na margem da estrada de ferro. Na mudança, começou a dispersão do núcleo de remanescentes. Mesmo assim, o velho chefe conservou a autoridade. Era ainda ele quem dava conselhos e indicava ervas e mezinhas para curar as doenças.

Maria Luiza Jacinta, cunhada do velho Perna de Pau, se lembra bem de tudo. Nesse tempo eles tinham que se deslocar até o mangue do Rio Ceará, onde encontravam o sustento. Vendiam na antiga Soure (hoje Caucaia), pássaros, bichos, plantas, croatá para fazer colchão, tucum para pincel, e vassoura de palha de carnaúba. "Eu andava no meio deles pescando caranguejo e peixe moleque" - diz Luiza. Se levanta da rede, vem para a porta de casa, passa um instante em pé e se acocora. Seus quase 80 anos deixaram marcas profundas no rosto. Conta que com o apurado, compravam farinha para comer com peixe salpicado, quase cru.

Os tempos porém foram arruinando, como fala Luiza. E há dez anos atrás, quando a imprensa descobriu que ainda havia índios nas cercanias de Fortaleza, a

situação deles era aflitiva. Nas reportagens são descritos como mentirosos, sífilíticos, ladrões, tuberculosos, cachaceiros, preguiçosos, maconheiros e tarados sexuais. Reclamaram os jornalistas que eles eram desunidos viviam na promiscuidade e vestiam trapos.

Luiza conta que a necessidade era grande. Ela chegou muitas vezes a comer lagarta tostada, na falta de outro alimento. Tinham mesmo vergonha de se dizerem índios e tapebas. O povo de Caucaia fechava a porta, quando eles chegavam. Corria a história de que vendiam passarinhos embriagados e pintados artificialmente, para enganar os fregueses, fazendo-os passar com mansos e raros.

Até que um dia, perderam também a terra de Ipaumirim. Dividiram-se em muitas localidades. Taquara, Vila Mosquito, Capoeira, Itapebussu, Maranguape, Boqueirão do Arara, etc, o núcleo maior está hoje no cruzamento da BR 222, com o rio Ceará.

DIVISÃO

Lá mora Chico Passarinho, um dos tapebas mais respeitados. Neto de Perna de Pau, com 53 anos e muita consciência de sua condição de índio, ele tem uma versão de como os Tapeba perderam suas terras. "O velho Perna de Pau foi brincar e deixou sua irmã Joana Isabel tomando conta das terras. Quando voltou ela tinha entregado tudo. Apossou-se de uma parte e vendeu outra. Foi o tempo em que o tenente Edson voltou de uma revolução e tomou conta de Soure, virou dono. Junto com o Zé Gerardo, nos botou fora de nossas terras. Então a gente quase se acaba".

Da primeira mulher, Chico teve cinco filhos, mas todos morreram. Há pouco tempo ficou viúvo. Sua madrinha Luiza Jacinta soube. E quando ele chegou em sua casa, ela disse, passando a mão em sua carapinha: "Olá Chico, está viúvo! Precisa casar de novo!"

"Já casei madrinha!" Respondeu ele e mostrou um filho de quase dez anos. Há muito, afilhado e madrinha não se viam.

Fomos à casa de João de Isabel, um primo do Perna de Pau. Mas Chico Passarinho não entrou e disse a razão. Segundo ele, João mandou prender um tapeba que reclamou porque a Igreja/Pentecostal, da qual o primo do velho cacique faz parte, apropriou-se de parte das terras da tribo. Entramos numa casa bem composta, onde João de Isabel nos recebeu com uma bíblia na mão. Se lembrava de pouca coisa, mas disse que os índios agora são mansos e iguais a todas as pessoas.

NOVA ERA

O sucessor do cacique Perna de Pau, deveria ser Victor, chefe de uma família de 21 filhos. Assumiu o cargo já um tanto velho e o respeito a ele começou a cair quando Pião Queimado lhe deu uma surra na frente de todos os outros. Meses depois, Victor amanheceu morto. Não foi enterrado como chefe. Apenas alguns familiares viram sua rede surrada baixar ao túmulo.

Em seguida veio outro Victor, esse Teixeira de Matos. Também não conseguiu unir a tribo. Mas seu enterro, no ano passado, ensejou uma passeata dos tapeba, indo da margem do rio Ceará ao cemitério de Caucaia. Dom Aluísio doou à tribo uma pedra retrada da parte mais antiga da

Matriz de Caucaia, que os tapebas construíram para os brancos. Agora eles querem colocar como uma marca, no túmulo do segundo Victor.

Alberto é seu filho. Com 36 anos, tem nove filhos e seis netos. Junto com Chico Passarinho, dividem agora o comando dos tapebas que vivem na margem do rio Ceará. Seu sonho é reunir novamente a tribo, ser reconhecido como índio pela Funai e viver numa reserva junto com os dois mil tapebas que ainda devem existir espalhados. Para isso, de 15 em 15 dias, a tribo se reúne e também para buscar melhorias mais imediatas. Já conseguiram luz, parada de ônibus e terreno no cemitério. Então, agora, com plano de conseguir no DNER umas "tartarugas", para diminuir a velocidade dos veículos que cruzam a estrada que corta o povoado onde moram.

Francisco José Ferreira da Silva, primo de Chico Passarinho, é um dos mais entusiasmados pelo trabalho comunitário.

Ajudou a construir cisterna e casas de tijolos para a comunidade. Tem 25 anos e cinco filhos. Leva a extremo sua consciência de índio. Separou-se da primeira mulher. "Ela era branca e não entendia meus costumes. Agora me casei com uma tapeba" - explica.

A Igreja católica tem tido um papel importante na reorganização dos tapeba. Eles reconhecem isto. Mas Alberto diz: "Antes a gente acreditava era na gente mesmo. Agora os brancos nos ensinaram que existe Deus". Por isto todos se dizem católicos. Embora na entrada do povoado funcione, atrás do balcão da bodega de Seu Dionísio, um centro de umbanda. Quando os outros santos não dão resultado, Dionísio Rodrigues, o Pai de Santo, do centro de umbanda, Zé Caboclo, casado com uma tapeba, faz seus trabalhos. No rosto de cada um dos habitantes do arruado, se vê a marca do índio e do negro. Ali ninguém mais se envergonha de se dizer tapeba.



Luiza, Passarinho (em pé) e Francisco, três gerações de tapeba



Venda de areia do rio - a construtoras, ajuda tapeba a viver